



## **DISPOSITIVOS PEDAGÓGICOS EM JANUSZ KORCZAK: APRENDIZAGEM E CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA EM UMA PERSPECTIVA PEDAGÓGICA**

Mauren Lúcia Tezzari<sup>1</sup>

**Resumo:** O texto apresenta de forma sintética importantes aspectos da obra do médico-educador polonês Janusz Korczak. A apresentação e a análise centram-se nos dispositivos pedagógicos por ele construídos ao longo do seu trabalho com crianças em situação de risco em um orfanato de Varsóvia. O deslocamento feito pelo autor, do campo da medicina para aquele da educação, assemelha-se ao processo que a educação especial vem realizando nos últimos anos a partir do redimensionamento teórico-prático demandado pela perspectiva da educação inclusiva. Além disso, busca estabelecer relações entre o trabalho pedagógico desenvolvido por Janusz Korczak na primeira metade do século XX e a ação docente e a formação em educação especial na atualidade.

**Palavras-chave:** Janusz Korczak, inclusão, educação especializada, dispositivos pedagógicos, deficiências

### **Introdução**

O surgimento da educação especial como modalidade de intervenção junto às pessoas com deficiências está estreitamente associado à medicina. Foram os médicos, ainda no século XVII, que passaram a interessar-se pela problemática das pessoas identificadas como deficientes, apontando como causas para as suas dificuldades, aspectos orgânicos e, com isso, possibilitando a superação das ideias relacionadas à teologia como explicação para manifestações de efeitos dos quadros dos sujeitos em questão.

A partir do século XIX começaram a surgir obras mais expressivas, com registros sobre experiências e propostas, com registros rigorosos, envolvendo a educação de pessoas com deficiências, sendo que as mais conhecidas e inovadoras, foram desenvolvidas por médicos como Jean Itard, Edouard Séguin e Maria Montessori.

Dessa forma, durante muito tempo, o campo da educação especial esteve permeado pela influência da medicina, o que podia ser percebido nas terminologias

---

<sup>1</sup> Professora de educação especial. Realiza atendimento educacional especializado em sala de recursos na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre. Integrante do Núcleo de Pesquisas em Políticas e Inclusão Escolar (NEPIE/UFRGS). Doutora em educação.

utilizadas, no enfoque do trabalho realizado, na compreensão da problemática dos sujeitos considerados da educação especial, nas perspectivas vislumbradas para cada aluno e no trabalho desenvolvido com os mesmos.

Esses “pioneiros” da educação especial fizeram um deslocamento do campo médico, como espaço de formação inicial, para aquele pedagógico, como ponto de referência para a ação do investigador e do educador.

Atualmente é possível observar que a perspectiva da educação inclusiva vem demandando novas formas de atuação junto às pessoas com deficiências. A educação especializada vem buscando uma atuação primordialmente pedagógica e centrada nas aprendizagens dos alunos. A própria educação especial vem fazendo um deslocamento, como os médicos-educadores já mencionados, de pressupostos médico-clínicos para a construção de seus conhecimentos e intervenções centrados em uma perspectiva pedagógica.

Considerando a importância dos aspectos históricos na construção de uma área do conhecimento e o movimento que vem sendo feito pela educação especial, o presente texto foi elaborado a partir de estudos e reflexões envolvendo o trabalho pedagógico desenvolvido por Janusz Korczak na primeira metade do século XX e possíveis relações com a ação docente em educação especial na atualidade.

Sua obra é reconhecidamente de grande importância e profundidade, mas ainda hoje o conhecimento sobre o referido autor no contexto brasileiro é mais restrito a grupos de estudiosos de áreas da educação.

Assim como os três autores anteriormente mencionados, sua formação inicial foi na área da medicina, sendo que atuou por alguns anos como médico-pediatra. Porém, também Korczak foi gradativamente aproximando-se do campo da educação<sup>2</sup>, desenvolvendo suas proposições pedagógicas junto a crianças que hoje seriam consideradas como vivendo em situação de risco.

Apesar da síntese necessária, considerando-se a dimensão possível do presente texto, de elementos bastante complexos, procurarei evidenciar os nexos entre os dispositivos pedagógicos desenvolvidos por Korczak e possíveis contribuições para a ação pedagógica e para a formação em educação especial.

### **Sobre suas ideias e seus pressupostos**

---

<sup>2</sup> Cursou pedagogia em Varsóvia tendo concluído o curso em 1911.

Educador, médico-pediatra e escritor polonês, Janusz Korczak (1878 – 1942), ainda no início de seus estudos em medicina, aproximou-se das crianças em situação de risco na periferia de Varsóvia. Depois de formado exerceu a profissão por algum tempo, mas, conforme seus relatos, no contato com essas crianças, percebeu que por meio da educação, o seu trabalho seria muito mais amplo, envolvendo o sujeito como um todo.

O autor desenvolveu suas ideias pedagógicas no convívio com as crianças e jovens. Nutria profundo respeito por elas e, por meio de seus escritos, procurou desvelar um pouco do universo infantil para que fossem respeitadas como seres humanos plenos desde pequenas.

Era um grande crítico à escola tradicional em muitos aspectos: os conteúdos insípidos e sem relação com a vida e os interesses da criança, as longas horas sentadas, os castigos, as humilhações, as posturas do educador de desconfiança em relação aos pequenos, o deboche, os sermões e muito mais.

Ao abordar a proposta pedagógica de Korczak, Lewowick (1998) afirma que, assim como acontecia com muitos professores e educadores da época, a visão educacional de Korczak era influenciada pelo pensamento pedagógico da virada do século. O respeito pelo interesse da criança estava cada vez mais presente nas reflexões acerca da educação. Seguindo as linhas de Rousseau e Pestalozzi, John Dewey (1859 – 1952), Maria Montessori (1870 – 1952), Ovide Decroly (1871 – 1932), Henri Wallon (1879 – 1962), Alexander S. Neil (1883 – 1973), Anton Makarenko (1888 – 1939), Célestin Freinet (1896 – 1966), as suas reflexões convergiram para a criança, colocando-a no centro do processo educativo. Na Europa especialmente, desenvolvia-se um movimento pedagógico progressista conhecido como Escola Nova<sup>3</sup>, que contribuiu significativamente para a importância e o espaço que a infância foi adquirindo. (Marangon, 2007).

Era totalmente contrário à ideia de a criança ter de se moldar ao que era esperado dela pelos adultos. Essas ideias são confirmadas por Gadotti (1998b), que afirma:

---

<sup>3</sup> Gadotti (1998a) explica que esse termo se refere ao mais intenso movimento de renovação da educação após a criação da escola pública burguesa. Relata que a ideia de fundamentar o ato pedagógico na ação, na atividade e na criança já estava se delineando desde a “Escola Alegre” de Vitorino de Feltre (1378 - 1446), seguindo pela pedagogia romântica de Rousseau. Mas foi no início do século XX que tomou forma e teve efeitos reais nos sistemas educacionais e na mentalidade dos professores. Foi um movimento que iniciou na Europa e vários pedagogos podem ser identificados como participantes deste movimento, que é amplo e não tem, ao menos inicialmente, características homogêneas nos diferentes lugares em que se desenvolveu. Apesar de muitas críticas que são feitas a esse movimento, boa parte de suas propostas ainda não se efetivaram no cotidiano das nossas escolas.

Korczak defende com vigor o direito da criança ser ela mesma, viver o seu momento presente, seu momento feliz. Não pretende enganar a criança, como faz a educação tradicional, prometendo a felicidade para amanhã, adiando a felicidade que ela pode gozar hoje. A criança não pode ser considerada um projeto de homem e o homem não é certamente um “animal racional”, como queriam Aristóteles e a escolástica. Essa definição de homem que considera a criança um pequeno animal, um ser “menor”, condicionou muitas pedagogias autoritárias. Daí ele afirmar que o “primeiro e indiscutível direito da criança é aquele que lhe permite expressar livremente suas idéias”, portanto, apreciar sua conduta e decidir sobre sua vida em “debate” com o adulto responsável por ela. (p.4).

## **A vida no Lar das Crianças**

Em 1912 começou a funcionar o Lar das Crianças<sup>4</sup> e Korczak assumiu a função de diretor, tendo ao seu lado sua grande parceira de trabalho, Stefania Wilczynska. A partir dali sua atuação como médico passou a acontecer inserida em seu trabalho no próprio Lar, no cuidado com as crianças. Em seu livro “Como amar uma criança”, afirmou que a medicina não estava preparada para tratar das complexas questões sociais e educacionais presentes na vida das crianças, especialmente daquelas em situação de risco. Ao longo dos anos de trabalho no Lar, o autor instituiu com as crianças e adolescentes que ali moravam, bem como com os professores e funcionários, uma série de dispositivos organizadores da vida naquela pequena comunidade.

No Lar havia poucos funcionários e essa estrutura enxuta fez emergir a necessidade de que as próprias crianças também fizessem as tarefas, permitindo, assim, a adoção da autogestão. (Korczak, 1997). As crianças eram responsáveis por todas as tarefas existentes no cotidiano do Lar. O objetivo era que elas desenvolvessem a autonomia do pensamento e dos sentimentos, a responsabilidade por seus próprios atos, a liberdade de escolher e de decidir, para que se tornassem cidadãos responsáveis, conscientes de seus atos. Korczak esperava que as crianças fossem felizes por poderem decidir, aprender e não ficarem limitadas a obedecer a ordens e regras criadas e impostas por educadores autoritários e indiferentes à realidade e lógica infantis.

É importante ressaltar que não existia uma hierarquia na distribuição das tarefas entre as crianças. Korczak sempre defendeu o valor de qualquer trabalho desenvolvido

---

<sup>4</sup> Lar das Crianças era o nome do orfanato no qual Janusz Korczak trabalhou e implantou suas propostas pedagógicas durante trinta anos até que todos os seus moradores (funcionário, professores, Korczak, as crianças e Stefania) foram enviados, em agosto de 1942, para o campo de concentração de Teblinka.

com dignidade, fosse ele intelectual ou manual. Em seu diário, escrito enquanto estava no Gueto de Varsóvia, o autor registrou a esse respeito:

Luto para que não se faça mais diferença entre trabalhos delicados e grosseiros, inteligentes e estúpidos, limpos e sujos; entre trabalhos para mocinhas de boa família e aqueles que são apenas bons para o povo. Não deve haver no Orfanato ocupações exclusivamente físicas ou exclusivamente intelectuais. (...) Respeito os trabalhadores honestos. As suas mãos são, para mim, sempre limpas e faço muita questão de suas opiniões. (1986, p.122-123).

Um de seus motes foi combater com vigor o que ele denominava “a ditadura do adulto”, onde este impunha suas vontades além de caprichos e ações impensadas. Entretanto, enfatizava que o respeito à criança não significava deixá-la fazer o que quisesse, a qualquer momento. Evidenciou que os limites são necessários, bem como a ordem e a organização.

A seguir, apresento alguns desses dispositivos pensados e colocados em ação por Korczak, as crianças, os funcionários e os professores do Lar.

### **A caixa de cartas**

Na leitura dos escritos de Korczak, percebe-se que esse dispositivo lhe era muito caro e bastante valorizado no cotidiano do Lar.

Philippe Meirieu (2001b), ao falar a respeito de Korczak, afirma que este tratou com questões complexas, com crianças violentas e, ao mesmo tempo, exigentes, no sentido de demandarem atenção e um olhar voltado para suas problemáticas. Era preciso fazer com que as crianças pudessem esperar e refletir. Outro aspecto importante é que também era necessário conter a violência. Tentou muitas vezes explicar-lhes que não era necessário se baterem, chegando a puni-los, mas nada disso adiantou. Até o dia em que Korczak teve uma ideia que Meirieu denominou de “um golpe de mestre” e que ele considera como fundador da pedagogia korczakiana e favorecedor do desenvolvimento da cidadania e da democracia no Lar. Ele estabeleceu com as crianças que elas poderiam lhe perguntar o que quisessem; elas tinham o direito de expressar sua opinião; tinham o direito de insultar um ou outro e, até, de se bater, mas com a condição de escrever primeiro. Esse era o tempo de poder refletir antes. Era preciso escrever uma carta e depositar na “Caixa de cartas”. Depois cada um lia a carta que recebera, respondia e, dessa forma, a discussão poderia se estabelecer. Nesta caixa também era possível depositar cartas com questionamentos, pedidos de explicações, queixas, revelações e relatos de acontecimentos.

Ao tratar sobre a caixa de cartas, Korczak (1997) afirma que esse dispositivo permite que uma decisão seja postergada, dizendo “Escreva o que estás pensando sobre isso, e depois resolveremos”, por exemplo. Ela não impedia a comunicação oral, mas tornava-a mais fácil, deixando também ao educador um tempo mais ampliado para ler, refletir a respeito e retomar os assuntos com os alunos, no coletivo ou individualmente.

Em relação ao valor educativo da caixa de cartas, o educador enumerou algumas aprendizagens possíveis:

1. “Esperar por uma resposta em vez de exigirem-na imediatamente, seja qual for o momento;
2. Saber separar as coisas: distinguir entre os seus desejos, sofrimentos, dúvidas, o que é ou não é importante. Escrever uma carta pressupõe uma decisão anterior (aliás, não é raro que a criança queira retirar a carta que tinha colocado na caixa);
3. Pensar, refletir sobre uma ação, uma decisão;
4. Ter vontade: é preciso querer para saber”. (1997, p.318).

### **O comitê de tutela**

Esse comitê foi mais um dispositivo proposto por Korczak visando à autonomia das crianças, ao desenvolvimento da iniciativa, da confiança. Era também uma maneira de estreitar vínculos e desenvolver a responsabilidade pelo outro, sendo um auxílio na orientação individual dos internos.

Funcionava da seguinte forma: um morador mais velho ficava responsável pela tutela (ou tutoria) de um mais novo. Existia um diário e a dupla se correspondia por meio dele. Assim, os mais novos escreviam aos mais velhos suas dúvidas, receios, pediam conselhos. Os mais velhos deveriam responder-lhes imediatamente após receberem o diário.

### **Reuniões-debate**

Se fosse possível falar em uma pedagogia koczackiana, uma das idéias de destaque refere-se ao pensamento infantil. O educador afirmava que a forma de pensar das crianças não era melhor nem pior que a do adulto, apenas diferente. Em decorrência, percebia que a comunicação com elas muitas vezes era difícil, configurando-se como uma verdadeira arte. Ao iniciar seu trabalho com crianças, sua hipótese era a de que deveria dirigir-se a elas por meio de palavras fáceis, associadas a questões mais simples

e concretas. Mais tarde, reviu essa idéia e passou a considerar que não era necessário adaptar o vocabulário adulto à mentalidade infantil, mas importava falar pouco, de maneira afetuosa e franca.

Korczak considerava essas reuniões como um bom meio para propiciar o diálogo entre o educador e as crianças, pois, para ele (1997), essas assembléias mobilizavam a consciência coletiva e podiam ajudar a resolver alguns problemas particularmente difíceis ou dolorosos. Ao mesmo tempo, destacava o quanto seria fácil transformar esse tipo de reunião em um falso debate. O adulto poderia fazer um discurso de estabelecer esse espaço para debater as questões importantes para todos do orfanato, mas, na prática, induzir as crianças a tomar as decisões que lhe parecessem mais apropriadas, fazer queixas ou repreendê-las, pronunciar discursos para comovê-las ou deixá-las sentindo-se culpadas por algo. Nesse caso, esse espaço perderia o seu verdadeiro sentido.

Essas assembleias priorizavam a livre expressão, a postura honesta e receptiva por parte do educador. Nesses momentos, eram discutidos assuntos referentes à vida no Lar, envolvendo as crianças, os educadores e os funcionários. Korczak ressaltava que esse espaço precisava ser construído e que esta tarefa não era fácil. Era preciso ensinar às crianças o que era um debate e como era sua dinâmica. Recomendava que a participação das crianças nas deliberações e votações não deveria ser obrigatória e aqueles que não quisessem participar deveriam ter sua postura respeitada.

## **O jornal**

O jornal era outra forma de comunicação existente no Lar e funcionava como a ligação entre uma semana e outra. A leitura era feita em voz alta, com todos reunidos para ouvir. Tudo o que acontecia poderia aparecer no jornal, por meio de uma nota curta, na forma de um pequeno artigo ou, até como um editorial, dependendo da relevância de cada caso. Poderia aparecer uma pequena nota sobre uma briga: “A briga com B”. Essa mesma situação poderia motivar a escrita de um pequeno artigo sobre as brigas. Uma nova iniciativa, a necessidade de uma reforma, uma reclamação, todas essas situações vividas no dia-a-dia poderiam ser publicadas no jornal. Korczak defendia a idéia de que todas as instituições educacionais deveriam ter seu próprio jornal, acrescentando a necessidade de cursos de jornalismo pedagógico no currículo das escolas de formação de professores.

## **O tribunal**

Korczak via no Tribunal das Crianças o primeiro passo para a emancipação da criança, a elaboração e proclamação de uma Declaração dos Direitos da Criança. Nas suas próprias palavras:

(...) Ela [a criança] tem o direito de exigir que seus problemas sejam tratados com imparcialidade e seriedade. Até agora tudo dependia da boa ou má vontade do educador, do seu humor naquele dia. Realmente é tempo de pôr fim a esse despotismo. (1997, p.332).

O Tribunal de Arbitragem, como Korczak denominava, tinha uma estrutura bastante elaborada, com algumas instâncias, um código próprio, juízes, secretário, etc.

O processo todo iniciava com a queixa. Esta deveria ser feita por escrito, em um quadro colocado em local bem visível. Todos poderiam ser citados: crianças e adultos. O próprio Korczak foi citado algumas vezes para comparecer perante o tribunal. Todas as noites, o secretário do tribunal (um dos cargos deste dispositivo) anotava as queixas em um livro usado exclusivamente para esse fim e, já no dia seguinte, começava a receber os depoimentos das testemunhas, que poderiam ser orais ou escritos.

O Tribunal de Arbitragem possuía seu próprio código composto por mil artigos. No livro “Como amar uma criança”, Korczak apresenta alguns deles. O primeiro artigo do código iniciava por perdoar o culpado. A proposta não era castigar o acusado, mas fazê-lo refletir sobre o assunto, sobre os efeitos de suas ações no grupo e dar-lhe a oportunidade de rever suas atitudes e de melhorar enquanto pessoa.

O tribunal contava com uma sessão semanal, e a escolha dos juízes se dava por meio de sorteio entre aquelas crianças que durante a última semana não haviam recebido nenhuma queixa. Isso evitava que eles tivessem que julgar seu próprio processo. Seriam necessários cinco juízes para uma quantia aproximada de cinquenta queixas.

## **Plebiscito**

Também existia no Orfanato e funcionava com voto secreto, sendo utilizado para tomar decisões relativas ao interesse coletivo, como férias, conhecimento das opiniões dos colegas, etc. Havia caixas coletivas de poupança e empréstimo (próximo de um banco), com uma criança como gerente e com regras para utilização.

Ao longo dos anos, Korczak tornou-se, efetivamente, um especialista em crianças. No seu livro “Quando eu voltar a ser criança” (1981), ele procurou revelar a violência sofrida pelas elas no cotidiano.

Ao final do seu livro “Como amar uma criança” (1997, p. 380), após apresentar todos os mecanismos, suas dinâmicas, suas análises baseadas na prática cotidiana e de comentar as cinco vezes em que foi julgado, Korczak declara:

Afirmo que esses processos foram a pedra angular da minha própria educação. Fizem de mim um educador “constitucional” que não maltrata as crianças, não porque goste delas ou lhes tem afeição, mas porque existe uma instituição que as protege contra a ilegalidade, o arbítrio e o despotismo do educador.

O grande objetivo desses mecanismos utilizados no orfanato era a valorização da autonomia infantil. Além da autogestão institucional, as crianças aprendiam na ação as idéias de justiça, de respeito ao outro, de responsabilidade e do entendimento das normas da vida coletiva. Gadotti (1998b) observa que essas práticas coincidiam com aquelas que educadores revolucionários soviéticos da época, como Pistrak e Makarenko, colocavam em prática na União Soviética. Da mesma forma que os educadores socialistas de então, Korczak não estabelecia separação entre trabalho intelectual e trabalho manual.

### **Contribuições para a educação especial: aspectos a considerar**

Janusz Korczak foi um homem à frente de seu tempo. Suas idéias pedagógicas foram pensadas e colocadas em prática em um período no qual a escola era muito rígida, disciplinadora, elitista e discriminadora. Tanto isso é verdade que o movimento da Escola Nova encontrava-se em plena efervescência, pois era urgente mudar esse modelo escolar. Mas esse educador combatia a teorização que não se baseasse na observação atenta, na prática cotidiana.

Em se tratando das ideias pedagógicas que influenciaram Korczak, Marangon (2007) destaca o cenário educacional europeu do início do século XX, época de efervescência de ideias e de grande produção intelectual a respeito da criança e sua identidade, o que deve ter influenciado a compreensão de Janusz Korczak, seja por meio

de suas viagens a outros países, onde conheceu seus sistemas educacionais, ou através das leituras e reflexões realizadas de forma solitária. Ele mantinha-se inteirado das discussões pedagógicas de então, nas quais a atividade da criança para a construção do conhecimento era ressaltada, em especial no movimento da Escola Nova.

Sobre as influências pedagógicas no trabalho de Korczak, Gadotti (1998b) expõe que o estudioso não se filiava a uma corrente pedagógica específica, mas acompanhava a produção na área, tendo conhecimento, tanto de autores expressivos anteriores a ele, como dos seus contemporâneos. O seu livro “Quando eu voltar a ser criança” é uma interessante história de um professor cansado do seu trabalho que volta a ser criança. Esse retorno à infância faz-lhe compreender o quanto a criança também enfrenta desafios e conflitos, sofrendo ainda mais com a incompreensão dos adultos que a cercam. O autor parecia realmente conhecer com profundidade a alma infantil (termo usado por ele), seus medos, conflitos e sofrimentos.

Ao longo dos anos de trabalho no Lar, Korczak instituiu com as crianças e adolescentes que ali moravam, bem como com os professores e funcionários, uma série de dispositivos organizadores da vida naquela pequena comunidade. O autor fez um movimento de aposta no sujeito-criança-aluno como capaz de assumir responsabilidades, de refletir sobre seus atos e os consequentes efeitos para a vida daquele coletivo, de se tornar autônomo por meio da vivência de uma realidade onde o papel de cada um é fundamental para o todo.

É possível afirmar que Korczak era um idealista, mas tinha clareza da violência que o cercava. Sabia da dura vida das crianças que a ele chegavam (muitas delas resgatadas das ruas por ele próprio). Sua observação acurada como médico e pesquisador auxiliaram-no na identificação e diagnóstico de problemas físicos apresentados pelas crianças. Essa mesma habilidade foi transferida para a pedagogia, possibilitando-lhe construir um apurado conhecimento a respeito dos gostos, da lógica do pensamento infantil, suas diferenças individuais e suas necessidades.

A trajetória deste personagem da educação, ainda pouco conhecido no Brasil, é marcada por um movimento de busca de alternativas de trabalho com crianças que hoje são denominadas “de risco” ou “em situação de desvantagem”. Korczak pensou inicialmente que, por meio da medicina pediátrica, ajudaria as crianças que tanto amava. Mas, a ajuda que acontecia por intermédio da sua atuação como médico não dava conta de suas preocupações. Estas pareciam ser mais amplas, indo muito além das questões da doença, principalmente do corpo. O estudioso queria alcançar a criança como um todo,

na sua vida cotidiana. Compreendeu que a medicina não estava preparada para lidar com a complexidade dessas questões e assim ele foi direcionando seu trabalho para a pedagogia.

Esse aspecto está em sintonia com o movimento que a educação especial vem fazendo ao longo dos últimos anos no sentido de construir uma ação junto aos alunos baseada em pressupostos pedagógicos, afastando-se do enfoque médico. A educação especializada hoje deve ter como prioritária a ação voltada ao desenvolvimento das capacidades do aluno, baseando-se em aspectos favorecedores da aprendizagem.

A perspectiva da educação inclusiva coloca o professor de educação especial, assim como os cursos de formação da área, diante de novos contextos, novos desafios e novas demandas. Além do ingresso do aluno com deficiência na escola de ensino comum, é preciso garantir sua efetiva aprendizagem e avanço nos anos escolares. Para isso é preciso que a escola reestruture-se em relação ao currículo, à avaliação e à intervenção pedagógica. Em relação a esse último aspecto é importante destacar a necessidade de ações inovadoras, que coloquem o aluno no centro do processo de ensino-aprendizagem, investindo em suas potencialidades.

Os dispositivos pedagógicos desenvolvidos por Korczak apresentam objetivos extremamente atuais e podemos considerar que configuram-se em estratégias potencializadoras para o trabalho a ser desenvolvido com os alunos da educação especial, assim como com os demais. O que foi afirmado anteriormente em relação a Korczak pode ser pensado também quanto ao professor de educação especial, que precisa fazer um movimento de aposta no sujeito-criança-aluno como capaz de aprender, de assumir responsabilidades, de ser autônomo em seu pensamento e em suas ações.

Korczak desenvolveu seu trabalho com crianças que não eram deficientes, mas, ao longo do século XX, a própria definição dos sujeitos da educação especial foi alvo de ampliação e redefinição, com a inclusão de outros grupos<sup>5</sup>.

De acordo com Meirieu (2001a), Korczak no orfanato, assim como Jean Itard com Victor, colocou em ação duas exigências contraditórias, que deveriam (e ainda

---

<sup>5</sup> Refiro-me, por exemplo, à emergência do conceito de excepcionais na década de 60 e, mais recentemente, à adoção do conceito “necessidades educativas especiais”. Ao longo do século XX, houve uma ampliação conceitual e outros estudiosos que se dedicaram às pessoas com deficiência, também não ficaram restritos a elas. Fazer a formação em educação especial nos anos 60, 70 e 80 implicava, necessariamente, saber que, ao falar em excepcional, estariam incluídos outros perfis, ligados, por exemplo, a transtornos psíquicos, à superdotação, que foi incorporada à ideia de excepcionalidade.

devem) ser ligadas pela educação. O **princípio da solicitação**, evidenciado quando o educador coloca seu aluno em situações diversas e complexas, passíveis de solicitar sua atenção, de mobilizar seu interesse. E o **princípio da emergência**, segundo o qual o educador precisa colocar em destaque, nessas situações, os saberes que ele deseja que sejam adquiridos pela “lei imperiosa” da necessidade, como ferramentas que permitam resolver os nossos problemas. A tarefa do educador é organizar e multiplicar as solicitações para fazer emergir, conforme as necessidades de cada situação criada, as habilidades e os conhecimentos definidos.

Ainda com referência a esse aspecto, recorro novamente às palavras de Meirieu (2006), que destaca a necessidade de acompanhar as pessoas, “pegando-as onde elas se encontram”, não para que elas permaneçam no mesmo lugar, mas para auxiliá-las a avançar de maneira exigente. O referido autor aponta a necessidade da exigência junto aos alunos (independente de suas características). Acompanhando de perto os mesmos, são percebidas questões que emergem e possíveis aberturas culturais, que podem ser aproveitadas como temáticas a serem desenvolvidas como saberes escolares. Entretanto, é necessária a existência de um “imperativo absoluto de qualidade”, em que os detalhes da forma sejam considerados, o vocabulário adequado e com frases bem estruturadas, um discurso organizado, uma argumentação coerente e válida, entre outros pontos que poderiam ainda ser listados. Além de abordar a questão de existência de um espaço para a cultura valorizada pelos alunos na escola, o autor aponta para a relevância do papel do professor para promover o avanço do educando a partir de sua realidade, mas sem abandonar a exigência de qualidade na produção. Desse modo, seria possível conectar o trabalho escolar à realidade e, ao mesmo tempo, promover uma aprendizagem significativa.

Dessa forma, é preciso que o professor trabalhe com determinação pela educabilidade do outro. É necessário que o professor permita ao aluno e a si mesmo trabalharem juntos, criando um espaço de interlocução e de confiança mútua, avaliando e reavaliando os rumos tomados, sem tanta preocupação com o controle da situação e com efeitos definidos a priori.

Uma instigante tarefa do professor é propor ao seu aluno situações nas quais ele seja desafiado, tarefas que efetivamente representem problemas a serem resolvidos, e não simplesmente a proposição de atividades isoladas e repetitivas. Dessa maneira é possível mobilizar sua atenção e seu interesse. Além disso, é preciso fazer com que seja necessário para o aluno aprender determinados saberes. Para isso é imprescindível aliar

a educação e a vida, a educação e o contexto do aluno, tornando as propostas e as aprendizagens mais amplas e significativas, sendo que o próprio contexto fornece o *feed-back* para as ações do educador. Entretanto, é preciso estar atento para permitir que o próprio aluno compreenda suas ações sem a “tradução” do educador ou sua interferência. Existe uma nítida diferença entre fornecer apoio em uma perspectiva de crescimento e entre fazer no lugar do outro (Canevaro e Gaudreau, 1989). Esse é um aspecto que ainda hoje é muito presente e discutido junto aos pais e aos professores de alunos com deficiências, que evidenciam dificuldade em ver um sujeito que cresce como as demais pessoas. Persiste uma tendência em infantilizá-lo, com o risco que querer educá-lo como se fosse sempre uma criança, ao invés de promover seu desenvolvimento e lhe dar acesso à mesma educação dada aos demais, nas diferentes etapas da vida.

Não se resignar e agir sem desanimar para que o aluno aprenda (Meirieu, 2002) é uma atitude particularmente necessária por parte dos professores dos alunos com deficiências. Infelizmente ainda é possível afirmar que esses sujeitos recebem, desde seu nascimento, menos investimento que as demais crianças, pois predomina um pressuposto de incapacidade, de doença e que pode ter um efeito muito mais marcante que o quadro em si da pessoa.

Na obra de Korczak, o papel do professor recebia destaque e as recomendações feitas para esse educador, certamente podem ser indicadas para todos os profissionais da educação. Um aspecto que vale ser destacado refere-se à recomendação de que o professor tivesse um diário, não para registrar os exercícios que haviam sido propostos, mas sim, para anotar suas observações, as impressões a respeito da maneira como o aluno tinha realizado a tarefa, a adequação da mesma para o objetivo proposto, assim como seus temores e suas alegrias. Esse registro seria a base para a reflexão do professor sobre o seu trabalho e para a sistematização do mesmo, auxiliando na indicação de rumos a serem tomados. Essa proposição pode ser considerada em total sintonia com a atualidade, quando se acredita tão necessária a postura de reflexão sobre a prática, em um movimento dialético, em que ao refletir sobre sua ação, o professor tem a possibilidade de transformá-la.

No momento atual, Meirieu (2006) apresenta reflexões que são críticas à concepção de que o ato investigativo seria exclusivo de um docente responsável pelo ensino superior e defende a ideia que um olhar investigativo, e uma capacidade reflexiva, analítica e crítica integre a própria constituição do perfil do professor. Para o

referido autor, as formações, inicial e continuada, querem dizer: “pesquisar, analisar, confrontar, com colegas e com especialistas, situações de aprendizagem”. (op.cit., p.44).

Autores como Alarcão (2005, 2001), Jesus (2007), Nóvoa (1997) e Perrenoud (2002) também destacam em seus trabalhos a necessidade de que façam parte do conjunto caracterizador da ação do professor a postura investigativa, a capacidade analítica e reflexiva sobre sua prática e a teoria que embasa seu trabalho.

Porém, dificilmente o professor buscará esse caminho de forma isolada, sem uma formação, inicial e continuada, que desenvolva as bases dessa postura. Vale destacar que, de acordo com Jesus (2008), a importância da interlocução entre a universidade e os professores das redes de ensino, como vista a *mobilizar dispositivos para instituir uma reflexão crítica com os profissionais da educação, em equipe e em contexto*. (op.cit., p. 143). Essas ideias são especialmente válidas para todos os professores, tanto os que atuam em sala de aula como para aqueles da educação especializada.

Frequentemente são encontradas referências a Korczak como se o seu trabalho desse prioridade a um pragmatismo associado à intervenção pedagógica, em detrimento de um conhecimento teórico. Isso pode levar a uma compreensão equivocada, como se ele baseasse seu trabalho somente na prática. Sua crítica era dirigida ao academicismo, à teoria educacional desvinculada de uma prática. Os seus livros são permeados de exemplos concretos, mas são fruto de reflexão, estudos solitários e experiências. Priorizava a análise reflexiva a respeito de suas práticas e afirmava que não existe teoria sem prática, e prática sem efeitos concretos. (Meirieu, 2001b).

A experiência feita por Korczak de autogestão no Lar das Crianças era, na verdade, a proposta de uma educação que preparava para a autogestão social. Evidenciava grande preocupação com as questões sociais e tinha consciência da dimensão sócio-política da educação, embora essa temática ainda não contasse com espaço expressivo no debate educacional. Para ele, todo ato educativo era também um ato político.

Em consonância com suas crenças, todos os temas eram tratados no Lar com seriedade e todas as opiniões eram levadas em consideração. O exercício cotidiano de todos esses dispositivos tinha um grande sentido, que era desenvolver a autonomia naquelas crianças e jovens. Além da autogestão institucional, eles vivenciavam experiências que eram analisadas à luz de uma concepção de justiça, o respeito aos outros, as responsabilidades e as normas de vida no coletivo. Nada era feito

aleatoriamente, mas sempre havia um objetivo educacional. Todas as proposições de Korczak tinham relação com o lugar em que ele colocava o outro, independente de ser uma criança. Todos tinham as suas responsabilidades, que eram proporcionais às suas possibilidades. Não havia diferença entre meninos e meninas, entre atividades manuais e atividades intelectuais, pois todas eram importantes para o bom funcionamento do Lar.

É fundamental que o professor veja o seu aluno como alguém que pode aprender. Durante muito tempo a ação do professor de educação especial ficou centrada nas faltas que o sujeito apresentava, nos aspectos “deficientes”. Era preciso desenvolver (ou treinar) aquilo que não estava bem, sanar as dificuldades.

Atualmente é possível pensar que uma pessoa com deficiência mental, por exemplo, tem potencial para aprender não só atividades mecânicas e repetitivas, mas sim, alcançar níveis mais elevados de elaboração de pensamento. Isso abre para esse alunado, possibilidades antes inacessíveis, como ingressar em uma escola de ensino comum, avançar nos anos escolares e concluir níveis de ensino e ingressar no mercado de trabalho. A educação como um todo e a educação especial têm papel fundamental na construção da trajetória dessas pessoas.

### **Algumas palavras para finalizar**

Apresentar um pouco da obra do médico-educador Janusz Korczak não é tarefa fácil, dada a riqueza e profundidade de sua proposta pedagógica. Sempre se corre o risco do empobrecimento ao resumir ideias e pressupostos complexos construídos ao longo de anos de estudos, observações vivências.

Os dispositivos pedagógicos por ele construídos no convívio com as crianças do Lar na primeira metade do século XX apresentam-se extremamente atuais e passíveis de serem empregados em uma proposta de educação especializada que busque a promoção do aprendizado, das relações e da comunicação para os alunos com deficiências. São dispositivos inovadores que refutam a tendência à simplificação e ao empobrecimento que por muito tempo predominou em relação ao trabalho com esses alunos.

Korczak olhava a criança como um interlocutor e tinha uma postura veementemente crítica a um desmerecimento do lugar infantil.

Assim também é preciso pensar em relação aos alunos com os quais a educação especial vem trabalhando e os rumos dessa modalidade educacional, a partir da

perspectiva inclusiva, dependem de sua reflexão constante e de sua capacidade de transformar-se, de reinventar-se cotidianamente.

## Referências

ALARCÃO, Maria Isabel. Professores reflexivos em uma escola reflexiva. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

CANEVARO, Andrea; GAUDREAU, Jean. L'educazione degli handicappati: daí primi tentativa Allá pedagogia moderna. Roma: La Nuova Italia Scientifica, 1989.

GADOTTI, Moacir. **História das ideias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 6. ed., 1998a.

\_\_\_\_\_. **Janusz Korczak: precursor dos direitos da criança**. [www.paulofreire.org/moacirgadotti/artigos/filosofiaeducacao/januszkorczak1998.pdf](http://www.paulofreire.org/moacirgadotti/artigos/filosofiaeducacao/januszkorczak1998.pdf). Acesso em 09.10.2006.

JESUS, Denise Meyrelles de. Vozes e narrativas na ação grupal: trajetórias de formação de professores-pesquisadores na perspectiva da inclusão escolar. In: JESUS, Denise Meyrelles de. et all (orgs). **Inclusão, práticas pedagógicas e trajetórias de pesquisa**. Porto Alegre: Mediação. P. 166 – 175, 2007.

\_\_\_\_\_. O que nos impulsiona a pensar a pesquisa-ação colaborativo-crítica como possibilidade de instituição de práticas educacionais mais inclusivas? In: BAPTISTA, Claudio Roberto; CAIADO, Katia R. Moreno; JESUS, Denise Meyrelles de. **Educação especial: diálogo e pluralidade**. Porto Alegre: Mediação. P. 139-159, 2007.

KORCZAK, Janusz. **Quando eu voltar a ser criança**. São Paulo: Summus Editorial, 1981.

\_\_\_\_\_. **O direito da criança ao respeito**. São Paulo: Summus Editorial, 3 ed., 1986.

\_\_\_\_\_. **Diário do gueto**. São Paulo: Summus Editorial, 3 ed., 1986.

\_\_\_\_\_. **Como amar uma criança**: São Paulo: Paz e Terra, 4 d., 1997.

LEWOWICK, Tadeus. Perfil de Janusz Korczak. In: LEWOWICK, Tadeus; SINGER, Helena; MURAHOVSKI, Jayme. **Janusz Korczak: perfil, lições**. “O bom doutor”. São Paulo: EDUSP, p.13-47, 1998.

MARANGON, Ana Carolina Rodrigues. **Janusz Korczak, precursor dos direitos da criança** – uma vida entre obras. São Paulo: UNESP, 2007.

MEIRIEU, Philippe. **Jean Gaspard Itard: tous les enfants peuvent-ils être éduqués?** Paris: Éditions PEMF, 2001a.

\_\_\_\_\_. **Janusz Korczak: comment surseoir à la violence?** Paris: Éditions PEMF, 2001b.

\_\_\_\_\_. **A pedagogia entre o dizer e o fazer: a coragem de começar.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

\_\_\_\_\_. Carta a um jovem professor. Porto Alegre: Artmed, 2006.

NÓVOA, António. **Os professores e sua formação.** 3 ed. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

PERRENOUD, Philippe. **A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica.** Porto Alegre: Artmed, 2002.